



# **m(i)nino ou m(e)nino: ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA MÉDIA ANTERIOR /E/ EM POSIÇÃO PRETÔNICA NO PORTUGUÊS FALADO EM BAIÃO-PARÁ**

**m[i]nino ou m[e]nino: SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS  
 OF THE MID VOWEL /E/ IN PRETONIC POSITION IN  
 PORTUGUESE SPOKEN IN BAIÃO-PARÁ**

**Raquel Maria da Silva Costa Furtado<sup>1</sup>, Maria Sebastiana da Silva Costa<sup>2</sup>,  
 Aldinei Corrêa da Silva Lima<sup>3</sup>**

## **RESUMO**

Com base na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), este estudo tem como escopo de análise o comportamento variável da vogal média anterior pretônica /e/ na variedade falada da zona urbana do português de Baião-PA. Objetiva analisar os possíveis condicionadores por meio de variáveis linguísticas e extralinguísticas, da regra de manutenção da pretônica /e/ com base em amostra estratificada e em termos da sociolinguística variacionista. O *corpus* para análise foi constituído de 12 informantes estratificados por faixa etária, sexo e escolaridade. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas de experiências pessoais e os dados foram analisados pelo pacote de programa computacional Goldvarb. Como resultado, verificamos que em Baião a manutenção de /e/ pretônico é o fator de maior frequência, uma vez que os dados estatísticos mostraram que diante do universo de 1.003 ocorrências de fala, num percentual de 63%

<sup>1</sup> Doutora em Linguística, em Descrição e Análise Linguística, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Linguística, em Análise, Descrição e Documentação do Português regional da Amazônia UFPA. Especialista em Estudos Culturais da Amazônia – UFPA. Graduada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará – Faculdade de Linguagem. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA/CUNTINS). E-mail: raqmaria@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6351-6192>

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Letras/Linguística pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Linguagem e Educação: uma abordagem textual, discursiva e variacionista, pela UFPA. Graduada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: sebast\_costa@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7918-1972>

<sup>3</sup> Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA /Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará - Faculdade de Linguagem. E-mail: aldinei07@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7976-7420>

ocorreu a ausência de alteamento, peso relativo de 0.630, enquanto para a presença de alteamento foi somente 37%, peso relativo de 0.370. Os fatores linguísticos considerados relevantes para a explicar a ausência de alteamento de /e/ em posição pretônica no falar baionense são: a vogal baixa /a/ com peso relativo 0.67, do contexto vocálico da tônica quando a pretônica é nasal; o papel da consoante do *onset* quando dorsal com peso relativo 0.82; quanto ao fator social, o mais significativo apresentou a segunda faixa etária, com peso relativo de 0.54, tomado como estatisticamente significativo para a ausência de alteamento da variável dependente.

**Palavras-chave:** vogal média anterior pretônica; variação linguística; língua falada.

### ABSTRACT

*Based on the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), this study has as its scope of analysis the variable behavior of the Pretonic front mid vowel /e/ in the spoken variety of the urban area of Portuguese in Baião-PA. It aims to analyze the possible conditioners through linguistic and extralinguistic variables, the maintenance rule of the pretonic /e/ based on a stratified sample and in terms of variationist sociolinguistics. The corpus for analysis consisted of 12 informants stratified by age, sex and education. Data collection was carried out through interviews of personal experiences and the data were analyzed using the Goldvarb software package. As a result, we found that in Baião the maintenance of pretonic /e/ is the most frequent factor, since statistical data showed that, given the universe of 1,003 speech occurrences, in a percentage of 63% there was no heightening, weight relative of 0.630, while for the presence of heightening it was only 37%, relative weight of 0.370. The linguistic factors considered relevant to explain the absence of heightening of /e/ in pretonic position in Bahian speaking are: the low vowel /a/ with a relative weight of 0.67, from the vocalic context of the tonic when the pretonic is nasal; the role of the onset consonant when dorsal with a relative weight of 0.82; as for the social factor, the most significant was in the second age group, with a relative weight of 0.54, taken as statistically significant for the absence of an increase in the dependent variable.*

**Keywords:** pretonic front mid vowel; linguistic variation; spoken language.

### PALAVRAS INICIAIS

Este estudo aborda o comportamento variável da vogal média anterior /e/ em posição pretônica na variedade de fala da zona rural do município de Baião-Pará. Apesar da temática já ter sido objeto de inúmeras pesquisas de enfoque sociolinguístico variacionista, com destaque para a análise dos fatores linguísticos e sociais como condicionadores da variação e mudança linguística, não se observaram pesquisas existentes sobre a elevação das vogais médias /e/ ~ [i] em posição pretônica, no município de Baião. Por isso, intenta-se a realização deste artigo em tela, porque se observa que a realização variável da vogal média anterior pretônica de /e/ ~ [i] exerce papel fundamental na descrição dos dialetos paraenses e na divisão territorial dos estados brasileiros conforme estudos citados de Nascentes (1953).

Para tanto, elenca-se como objetivo central deste trabalho caracterizar a ocorrência da vogal média anterior /e/ em posição pretônica no português falado por moradores do município de Baião-Pará, considerando fatores linguísticos como a influência da vogal contígua, a distância relativa à sílaba tônica, a consoante do *onset* do fenômeno, consoante do *onset* da sílaba seguinte, entre outros; e fatores sociais como escolaridade, faixa etária, gênero/sexo.

Para atingir tais objetivos, efetuou-se uma análise linguística de cunho variacionista, por meio da abordagem laboviana dos dados, com fatores e condicionantes em dados de fala de um total de 12 (doze) informantes, moradores da zona urbana de Baião, estratificados em: i) faixa etária; ii) sexo; e iii) em escolaridade.

A coleta dos dados deu-se a partir de gravações de entrevistas, nos moldes das narrativas de experiências pessoais labovianas e foi subsidiada pela Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006); e em estudos sobre vogais como os de Câmara Júnior (1970), Rodrigues (2005), Campos (2008), Araújo e Rodrigues (2007), entre outros realizados na Amazônia paraense. Os dados foram tratados e analisados por meio do programa computacional Goldvarb-X, a fim de analisar e destacar a variante de maior predominância na zona urbana do município de Baião, se é a vogal média subjacente /e/ em posição pretônica ou a vogal /e/ alteada para [i].

Para melhor compreensão e apresentação dos resultados desta pesquisa, este trabalho encontra-se estruturado em cinco seções. Nesta introdução, tem-se a temática e os objetivos construídos para a realização deste estudo; na segunda seção, expõem-se as vogais médias pretônicas da língua portuguesa por meio das abordagens de autores como Câmara Júnior (1970) e Bisol (1981); e os principais estudos realizados no Pará, mais precisamente na região do Baixo Tocantins, com os quais se tecem comparações com os resultados desta análise, como o de Rodrigues (2007) e Campos (2008). Na terceira, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista que fundamentaram esta pesquisa. Na quarta seção, encontra-se a metodologia que elucida os passos adotados para a realização do estudo ancorados pelo modelo teórico-metodológico da Sociolinguística quantitativa de Labov (2008 [1972]). Na quinta, a análise, na qual se descrevem os resultados sobre a vogal média anterior /e/ em posição pretônica na zona urbana do município de Baião-(PA), apresentando os fatores linguísticos e sociais condicionadores da variável dependente em discussão, seguida das considerações finais.

## O ALTEAMENTO VOCÁLICO /e/ ~ [i] EM POSIÇÃO PRETÔNICA NA REGIÃO DA AMAZÔNIA TOCANTINA

A primeira descrição sincrônica completa das vogais do português falado no Brasil, do ponto de vista articulatório, é conferida a Câmara Júnior (1970), que tomou por base para sua descrição o dialeto falado no Rio de Janeiro, e para o qual apresenta um sistema vocálico assimétrico entre as vogais médias /e/ e /o/, no qual a última desaparece na fala. Assim, têm-se sete vogais em posição tônica com função distintiva; quatro em posição postônica não final, nos vocábulos proparoxítonos; e cinco em posição pretônica. Caracteriza essa redução de fonemas vocálicos em contextos átonos, segundo o autor, com base em Trubetzkoy, o processo de neutralização das médias e altas nessa posição. Por esse motivo, as vogais da posição tônica tendem a ser mantidas e as vogais átonas finais são suscetíveis à neutralização, estando as pretônicas e as postônicas não finais relativamente preservadas.

Bisol (2003), analisando o modelo de Clements (1991) para as línguas românicas, verifica que o português do Brasil se constitui como uma língua de registro terciário, justamente por

apresentar essa redução do sistema vocálico na passagem da posição tônica para a posição átona. São sete vogais no registro primário, que se reduzem a um subsistema de cinco na pretônica e cinco ou quatro na postônica não final, registro secundário, e de três no subsistema da átona final, para a maioria dos dialetos brasileiros – no sul do Brasil, o sistema predominante é de cinco vogais. Para Bisol (2003, p. 276), “Regras de neutralização são processos naturais e seu resultado é sempre um sistema mais simples, já contido na própria língua e que se encontra em muitas outras línguas do mundo”.

Nessa perspectiva, e sob o enfoque da Sociolinguística variacionista no Norte do Brasil, os estudos sobre as vogais átonas em posição pretônica são bastante produtivos. Por isso, apresentamos a seguir pesquisas do português brasileiro realizadas, em especial no estado do Pará, que abordam sobre as vogais médias em posição pretônica, como os estudos de Nina (1991) acerca do alteamento e abaixamento das vogais pretônicas no município de Belém (PA), Araújo e Rodrigues (2007) sobre as vogais pretônicas [e] e [o] na cidade de Cametá (PA) e o trabalho de Campos (2008) sobre as vogais pretônicas no município de Mocajuba (PA).

Embora esses estudos tenham examinado tanto a vogal média anterior /e/ como a posterior /o/ na posição pretônica, daremos ênfase à análise da vogal média anterior [e] por ser o objeto deste estudo. Por isso, sintetizamos tais pesquisas de modo que nos possam auxiliar na compreensão do comportamento variável de /e/ pretônica na variedade de Baião.

Araújo e Rodrigues (2007), numa abordagem variacionista, analisam as vogais médias pretônicas /e/ e /o/, por meio de fatores linguísticos e sociais, comparando a relação entre o rural e o urbano, no português falado no município de Cametá-Pará, a partir de um *corpus* constituído de trinta e seis informantes, considerando a possibilidade de abertura ou fechamento, e a presença ou ausência de alteamento. Como resultados, de 2.849 dados para /e/, obtiveram 826 ocorrências para a presença de elevação – um peso relativo de 0.29 –, enquanto para a ausência de elevação houve 2.023 dados – um peso relativo de 0.72. Variáveis sociais como: faixa etária, escolaridade; e procedência e variáveis linguísticas como – nasalidade, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, tonicidade, localização morfológica, natureza da tonicidade da sílaba seguinte e vogal da sílaba seguinte foram tidas como significativas.

Campos (2008) investiga o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na área urbana do município de Mocajuba, Nordeste do Pará. A autora faz uma abordagem probabilística aos moldes laboviano, considerando um *corpus* com 48 informantes, estratificado em sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Como resultado o fenômeno apresentou-se em variação neutra, uma vez que o peso relativo foi de 0.50.

Moraes (2015) caracterizou acusticamente as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ falados no município de Cametá-Pará. A coleta de dados contou com 72 vocábulos e a partir deles, teve um total de 455 ocorrências de vogais médias anteriores e 473 vogais posteriores na fala de 18 informantes naturais da cidade de análise, levando em consideração o sexo, faixa etária e escolaridade. A variante de alteamento teve a maior probabilidade de ocorrência no português falado no *locus* da pesquisa, tendo 77 ocorrências para vogal alta [i] e 72 para a vogal alta [u], enquanto a derivada baixa [ɛ] teve 112 ocorrências e para o [ɔ] 136 ocorrências. Por meio da testagem de variáveis linguísticas e não linguísticas, as mais significativas para explicar a manutenção foram: efeito da vogal tônica sobre a pretônica oral e efeito da vogal tônica sobre a pretônica nasal.

## A QUESTÃO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Este estudo defende a presença da heterogeneidade linguística governada por regras variáveis por meio de uma análise sistemática do uso alternado da vogal média pretônica /e/, ora [e], ora [i], em determinados contextos de fala, como variantes sociolinguísticas motivadas por fatores sociais e linguísticos. Por isso, segue os conceitos basilares do campo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972) sobre o qual se concebe a língua como um fato social, histórico e cultural analisada no cerne de uma comunidade, dando ênfase à relação indissociável entre língua e sociedade (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

A relação de causa entre a dimensão social e a dimensão estrutural da língua possibilita o cruzamento entre traços linguísticos e extralinguísticos (sociais, sócio-históricos, estilísticos e geográficos) na constituição da identidade de um grupo, analisada no cerne de uma comunidade de fala constituída de sujeitos falantes que dominam o mesmo conjunto de regras linguísticas e interagem entre si por meio de uma teia comunicativa (Costa, 2018).

Para Orlandi (1986, p. 22-23), foi a partir dessa vertente que a língua foi definida para além de um sistema de signos cujas unidades estão organizadas entre si formando um todo, de acordo com Estruturalismo na Linguística Moderna, ou seja, o conceito de língua na Sociolinguística Variacionista retrata um sistema heterogêneo ordenado constituído de variações linguísticas interligadas às diferenças sociais.

Dessa forma, seguimos os conceitos basilares do campo teórico-metodológico prolífico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), em especial de Labov (2008), sobre o qual se concebe a língua como um fato social, histórico e cultural analisada no cerne de uma comunidade de fala, por meio da interrelação de um conjunto complexo de fatores linguísticos, geográficos e sócio-históricos, para se depreender e sistematizar o caminho da variação. Logo, a presença da heterogeneidade linguística é governada por regras variáveis por meio de uma análise sistemática do uso alternado da vogal média pretônica /e/, ora [e], ora [i], em determinados contextos de fala, como variantes sociolinguísticas motivadas por fatores sociais e linguísticos.

O comportamento linguístico heterogêneo das regras (in)variáveis eclode um modelo de análise linguística que considera a língua como um sistema dinâmico, cuja variação e mudança é a fonte principal de riqueza dos pesquisadores, analisada em trechos reais de uso entre sujeitos, no interior da comunidade linguística à qual pertencem.

A observação do processo de variação e mudança considerando fatores como: “o quê”, “onde”, “quem”, “quando” “para quê” é determinante na configuração formal de um sistema linguístico e na apreensão das informações que as diferentes formas linguísticas podem compartilhar na interação. Para Labov (1978), uma análise de regra variável não é apresentada como uma descrição da gramática, mas um dispositivo para descobrir sobre a gramática.

Ademais, o estudo desenvolvido aqui que correlaciona língua e sociedade ampara-se na técnica quantitativa (Labov, 1972; Sankoff; Labov, 1979), de base estatística (população, amostra e valor estatístico de frequências e) e probabilística (pesos relativos) para análise das restrições internas e externas das regras variáveis que condicionam em certos contextos linguísticos e sociais, a produção linguística na fala dos baionenses de *m[e]nino* ou *m[i]nino*, sem alterações na significação do estado de coisas representado. Tais mecanismos são utilizados com o intuito de verificar os rumos da variação/mudança na língua.

Para melhor compreensão dos passos assumidos nesta pesquisa, descreve-se a seguir a amostra, o tipo, o procedimento e abordagem adotada no estudo.

## PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta dos dados baseou-se na observação direta da língua falada em situações naturais de conversação espontâneas sobre os mais variados assuntos (vida pessoal, histórias engraçadas, vida cotidiana, violência, saúde, segurança). O *corpus* foi obtido por meio de uma amostra de 12 informantes da zona urbana do município de Baião (nascidos e residentes na área urbana desse município), estratificados em: *sexo* (06 masculino e 06 feminino); *escolaridade* (06 com ensino fundamental incompleto e 06 com ensino superior); e *faixa etária* (04 informantes entre 15 e 25 anos; 04 entre 26 e 41 anos; e 04 com idade acima de 46 anos).

Figura 1 – Plano da amostra estratificada em faixa etária, gênero/sexo e escolaridade (total de 12 informantes e codificação dos informantes)

FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
Faixa I 15 a 25 (04)	Masculino (02)	Ensino Fundamental Incompleto
		Ensino Superior
	Feminino (02)	Ensino Fundamental Incompleto
		Ensino Superior
Faixa II 26 A 45 (04)	Masculino (02)	Ensino Fundamental Incompleto
		Ensino Superior
	Feminino (02)	Ensino Fundamental Incompleto
		Ensino Superior
Faixa III Acima de 46 (04)	Masculino (02)	Ensino Fundamental Incompleto
		Ensino Superior
	Feminino (02)	Ensino Fundamental Incompleto
		Ensino Superior
Total 12 informantes		

Fonte: Produzido pelos autores.

Elaborada a amostra, definimos a variável dependente a partir do controle de duas variantes: manutenção de /e/ e alteamento de /e/ ~ [i] (cf. Figura 2).

Figura 2 – Variável dependente<sup>4</sup>

Vogal Média /e/	Presença de elevação [i] - <u>minino</u>
	Ausência de elevação [e] - menino

Fonte: Produzido pelos autores.

<sup>4</sup> A vogal média baixa [ɛ] não foi considerada nos dados.



A fim de controlar a inter-relação entre o social e linguístico, a análise da variável dependente (vogal média alta anterior pretônica) deu-se pelas variáveis independentes,<sup>5</sup> tomadas como categorias de análise:

### a) *Linguísticas*

#### 1. Fonema vocálico da tônica, quando a pretônica é nasal ou oral:<sup>6</sup>

nasal: /i/ - [e]nsino, /ε/ - [e]ntrega, /ɔ/ - [e]mbora, /o/ - s[e]nhor, /e/ - ent[e]ndeu, /u/ - av[e]ntura, /a/ - [e]ntrada.

oral: /a/ - [e]scada, /e/ - [e]spelho, /ε/ - [e]sperto, /i/ - p[e]pino, /ɔ/ - [e]scola, /o/ - [e]scolha, /u/ - [e]scuro.

#### 2. Vogal contígua:

vogal não contígua (i, u). Ex.: n[e]gócio, m[e]rcadinho.

vogal não alta (a, e, o). Ex.: c[e]arense, qu[e]brado.

vogal alta imediata (i, u). Ex.: [e]vitar, [e]ntulho.

#### 3. Consoante do *onset*:

*onset* vazio: [e]scola.

labial: **m**[e]nino.

coronal: **d**[e]scalço.

dorsal: **qu**[e]ria.

*onset* ramificado: **pr**[e]sidente.

#### 4. Consoante do *onset* da sílaba seguinte:

*onset* vazio: pass[e]ar.

labial: b[e]**b**ida

coronal: qu[e]**r**ia;

dorsal: p[e]**q**uena;

*onset* ramificado: r[e]**fl**etindo

#### 5. Sílaba da pretônica variável dependente

Leve - V: [e]ducação

Pesada - VC / VV: [que]ria

Pesada - CCV/CVC: [ver]melho

#### 6. Sufixos

Sufixo sem vogal alta. Ex.: Pedala

Sufixo com vogal alta. Ex.: Terrinha

Sem sufixo. Ex.: Perigo

<sup>5</sup> “A identificação de uma variável inclui definir variantes (o que é e o que não é ocorrência da variável em estudo) e determinar o pacote da variação (onde é possível ou impossível que a variável ocorra)” (Guy; Zilles, 2007, p. 36).

<sup>6</sup> Todos os exemplos foram retirados do *corpus* desta pesquisa.

**b) Extralinguísticas**

Faixa Etária

Sexo

Escolaridade

Desenvolvidas todas as demais atividades, realizamos o tratamento estatístico dos dados através do uso do programa computacional Goldvarb<sup>7</sup> (Sankoff; Rousseau; Tagliamonte, 2005), concebido para realização da análise de regras variáveis e manipulação de dados associados.

## **A VOGAL MÉDIA PRETÔNICA /E/ NA VARIEDADE LINGUÍSTICA FALADA EM BAIÃO (PA)**

De um universo de 1.003 de ocorrências da variável dependente desta pesquisa, os resultados apontaram para predominância da manutenção da variante [e] na cidade de Baião-Pará, pois 632 ocorrências foram de ausência de alteamento, percentual de 63% e 371 dados de presença de alteamento, percentual de 37%, conforme Tabela 1.

Tabela 1– Frequência, percentuais e pesos relativos do comportamento variável da vogal média anterior /e/ pretônica no português falado em Baião-Pará

Variável dependente	Exemplo	Aplicação /Total de dados	Frequência/ Percentual
Presença de alteamento	[i]mprego	371/1003	37%
Ausência de alteamento	[e]mprego	632/1003	63%
<b>Total de dados 1.003</b>			

Fonte: Produzido pelos autores.

Diante dos resultados apontados na Tabela 1, observa-se que sincronicamente o alteamento de /e/ ~ [i] não ocorre de forma majoritária ou preponderante, na variedade de fala analisada, mas acontece em 37% dos casos, portanto a regra de elevação de /e/ para [i] não é a variante de maior ocorrência. Em Antenor Nascentes (Nascentes, 1964), atesta-se o alteamento como um dos traços fonéticos bem marcantes da linguagem do Norte do Brasil, seja na tônica, pretônica e/ou postônica, porém pelo exposto na Tabela 1, infere-se uma possível redução de frequência e significância nesse processo de alçamento, muito embora, o dizível por Bisol (2003), não seja contestado, de que a série vocálica posterior /o/ eleva com maior frequência do que a série anterior /e/, na linguagem falada.

Na tabela 2, uma síntese é apresentada dos resultados obtidos pelos principais estudos<sup>8</sup> de cunho variacionista realizados na variedade de fala paraense, tendo como objetivo a comparação entre os achados desta pesquisa.

<sup>7</sup> Quantifica e testa o nível de significância dos efeitos produzidos pelos condicionantes que influenciam na escolha de uma variante linguística em detrimento de outra, gerando frequências (percentuais) e pesos relativos da variável analisada.

<sup>8</sup> Ressaltamos quanto à procedência diversa dos dados apresentados aqui, considerando que a análise deste trabalho abarca dados provenientes apenas da zona rural do município de Baião.



Tabela 2 – O processo de alteamento da média pretônica na variedade de fala do Pará

Presença de alteamento	Aplicação/total	Percentual
Baião /e/ ~ [i] <sup>9</sup> (Furtado; Lemos, 2020)	371/1003	37%
Breves /e/ ~ [i] <sup>10</sup> (Dias <i>et al.</i> , 2007)	1.128/2.624	43%
Cametá /e/ ~ [i] <sup>11</sup> (Araújo; Rodrigues, 2007)	826/2.849	29%
Mocajuba /e/ ~ [i] <sup>12</sup> (Campos, 2008)	1093/2227	51%
Belém /e/ ~ [i] <sup>13</sup> (Cruz; Sousa, 2013)	658/1434	46%

Fonte: Produzido pelos autores.

Resultado como o deste trabalho encontra-se na pesquisa de Araújo e Rodrigues (2007) que examinou a alternância de /e/ ~ [i] em posição pretônica, falada em Cametá (PA). A conclusão dos autores apresenta o alteamento da pretônica como variante de menor ocorrência, com frequência de 29%, enquanto para a ausência de elevação, frequência de 71%. Ao encontro dessa tendência do falar da população de Baião/zona urbana do município, pela preferência da ausência de alteamento, nos estudos variacionistas realizados em outros municípios paraenses, destaca-se Dias *et al.* (2007), para Breves-PA, com 57% de ausência de alteamento.

Constata-se ainda em Campos (2008), no município de Mocajuba-PA, percentual de 51% de preferência pela manutenção da variante /e/ e peso relativo de 0.50 tanto para alteamento quanto para preservação das vogais médias pretônicas no município de Mocajuba (PA). Segundo a autora, a igualdade dos pesos relativos caracteriza certa neutralidade e uma variação estável que demonstra uma ligeira propensão à preservação das médias como médias.

Destacamos que neste trabalho observamos outros fenômenos vocálicos que ocorreram com a vogal média pretônica /e/ no falar baionense, entretanto não foram tomados como objeto de análise, como: a) apagamento: ‘tá’, em vez de ‘está’; ‘bora’, em vez de ‘embora’; ‘tava’, em vez de ‘estava’; b) abaixamento: r[ɛ]lógio e [ɛ]scola.

Deste ponto em diante apresentaremos como o fenômeno se comporta, mediante o controle de fatores sociais e linguísticos, destacando a aplicação, percentuais e pesos relativos apontados pelos dados quantitativos. Entretanto, por uma opção didática, apresentaremos, em ordem, primeiro os fatores linguísticos, depois os extralinguísticos.

## VARIÁVEIS INDEPENDENTES

No que se refere aos fatores significativos para a manutenção de /e/ em posição pretônica em Baião, em ordem de significância, apresentaram-se: (1) consoante do *onset* precedente; (2)

<sup>9</sup> Análise de cunho sociolinguístico variacionista da zona urbana do município de Baião.

<sup>10</sup> Análise sociolinguística, zona urbana.

<sup>11</sup> Análise sociolinguística, zona urbana/rural.

<sup>12</sup> Análise sociolinguística, zona urbana.

<sup>13</sup> Análise sociolinguística, zona urbana/rural. O estudo possuía três variantes: vogal alta, vogal média fechada e vogal média aberta.

vogal contígua; (3) classe gramatical do vocábulo se nome ou verbo; (4) faixa etária; (5) sílaba da pretônica; e (6) o efeito do fonema vocálico da tônica quando a pretônica é nasal.

De todas as categorias de análise, o fator mais atuante para a manutenção de /e/ pretônico foi o efeito da ‘vogal tônica sobre a pretônica nasal ou oral’ conforme os resultados explicitados deste ponto em diante do trabalho.

#### a) A importância da vogal tônica, quando a pretônica é nasal

Analizamos neste grupo de fatores a vogal da sílaba tônica que mais condiciona a preservação de /e/ na fala dos baionenses quando a pretônica é nasal ou oral. Os resultados delatam as vogais tônica *baixa* /a/, peso relativo de 0.679, e as tônicas altas /i, u/, peso relativo de 0.604, quando a pretônica é nasal, como condicionadoras da manutenção da vogal média alta nasal [ẽ] em oposição a vogal alta anterior nasal [ĩ]. Enquanto as vogais tônicas /a, e, ɛ, i, ɔ, o, u/ para pretônicas orais, peso relativo de 0.487, as vogais anteriores médias baixas /ɛ/, /ɔ/ e as médias altas /e/, /o/, com pretônicas nasais, peso relativo de 0.436 e de 0.429, respectivamente, demonstraram-se não favorecedoras da manutenção da variante aqui analisada, conforme verifica-se na tabela 3, que segue.

Tabela 3 – Percentuais e pesos relativos da importância da vogal tônica para o comportamento variável da vogal pretônica média anterior /e/ no português falado em Baião-Pará<sup>14</sup>

Vogal da Tônica	Exemplo	Aplicação /Total de dados	Percentual	Peso Relativo
Vogal tônica baixa /a/ para pretônicas nasais	entr[a]da	41/66	62%	0.679
Vogal tônica alta /i, u/ para pretônicas nasais	ens[i]no	26/43	60%	0.604
Vogais tônicas /a, e, ɛ, i, ɔ, o, u/ para pretônicas orais	esc[a]da	526/801	66%	0.487
Vogais médias baixas /ɛ, ɔ/ para pretônicas nasais	entr[ɛ]ga	13/29	45%	0.436
Vogais tônicas médias altas /e, o/ para pretônicas nasais	entend[e]u	26/64	41%	0.429
<b>Total de dados 1.003</b>				

Fonte: Produzido pelos autores.

Diante do exposto, verifica-se que, enquanto a pretônica nasal é condicionada por vogais tônicas específicas [a], [i] e [u], a pretônica oral alta anterior [ĩ] é condicionada por todas as 7 vogais orais, consideradas juntas. A hipótese para a variável “importância da vogal tônica” na manutenção da média pretônica /e/ previa nas médias altas /e/, o maior favorecimento de /e/, seja nasal e/ou oral. Todavia essa predição não foi confirmada, pois as vogais médias altas apresentaram-se como os fonemas vocálicos de menor condicionamento para a manutenção de /e/ quando nasal. Assim, é mais provável que se mantenha as vogais como as de s[e]nt/a/do e carr[e]g/a/va do que as de [ĩ]st/a/va e [ĩ]sc[o]la.

Sobre o processo das vogais médias baixas /ɛ, ɔ/ e médias altas /e, o/, para pretônicas nasais, favorecerem a pretônica [ĩ], com 0.436 e 0.429 de peso relativo, respectivamente, para a manu-

<sup>14</sup> Neste estudo classificamos as vogais nasais como aquelas em que a nasalidade é categórica como em entrada, entrega, sentado.

tenção de [ẽ], denominar-se-ia de alteamento sem motivação aparente (Battisti; Vieira, 2005) ao não se ter como gatilho principal uma vogal alta /i, u/ no nivelamento de altura das vogais. A justificativa desse alteamento poderia ser encontrada nas consoantes do onset e/ou da sílaba seguinte, como, por exemplo, nas palavras entr[ɛ]ga e entend[e]u, cujo processo de alteamento deve-se ao contexto precedente de *onset* vazio.

Em Campos (2008), no município de Mocajuba (PA), verificou-se o desfavorecimento do alteamento de /e/ pela baixa /a/ com peso relativo de 0.40, quando /e/ oral, e quando /e/ nasal, peso relativo de 0.43, o que consequentemente poderemos interpretar como fonemaônico favorecedor da manutenção da média /e/. Resultado diferente foi o apresentado por Araújo e Rodrigues (2007) para o falar cametaense, na medida em que obteve para a variável ‘pretônica nasal’, percentual de 42% e peso relativo de .25, que inibe a manutenção de /e/.

### b) A relevância da vogal contígua

Para o efeito da ‘vogal contígua’ sobre a manutenção da pretônica /e/, as vogais altas não imediatas /i/ e /u/, peso relativo de 0.63, e as vogais não altas /a/, /e/ e /o/, peso relativo de 0.56, demonstraram-se significativas para a ausência de alteamento. Confirmando, portanto, a hipótese de que as vogais altas /i/ e /u/ tônicas favoreciam a presença de alteamento da pretônica de /e/ ~ [i], confirmado pelo peso relativo de 0.329, que desarrima a manutenção.

Tabela 4 – Percentuais e pesos relativos do efeito da vogal contígua tônica para a vogal média /e/ pretônica

Vogal contígua	Exemplos	Aplicação /Total de dados	Frequências /Percentuais	Pesos Relativos
Alta não imediata /i/, /u/	m/e/rcadinho	129/190	68%	0.631
Não alta /a/, /e/, /o/	n/e/gócio	325/483	67%	0.568
Alta imediata /i/, /u/	/e/vitar,	178/330	54%	0.329
<b>Total de dados 1.003</b>				

Fonte: Produzido pelos autores.

Dessa forma, constatamos que no falar do baionense, diante do contexto de vocábulos em que aparecem a vogal contígua alta não imediata /i, u/, e a contígua não alta /a, e, o/, é mais provável que se mantenha a pronúncia de /e/ como em ‘mercad[i]nho’, ‘cear[e]nse’, ‘quebr[a]do’, sem elevação de /e/ para [i], em posição pretônica. Diferente de contextos contíguos com vogais altas imediata /i, u/, cuja tendência é elevar a pretônica /e/, como ‘[i]vitar’, no lugar de ‘evitar’, ‘[i]ntulho’, no lugar de ‘entulho’, favorecendo dessa forma o alteamento pelo processo fonológico da harmonização vocálica defendido por Câmara Júnior.

Ao encontro dessa tendência da vogal contígua à sílaba pretônica na fala dos baionenses, temos Campos (2008) que apontou as vogais altas imediatas /i/ e /u/, 0.43 de peso relativo, como não favorecedoras da regra de alteamento vocálica. Em Campos (2008), observa-se ainda a alta não imediata e a não alta com o mesmo percentual de 40% apontando para a não realização do alteamento, o que nos leva a inferir que tais vogais favorecem a ausência de alteamento da vogal média anterior alta.

### c) A relevância da consoante do *onset* precedente

A partir dos resultados da Tabela 5, abaixo, constatou-se que a natureza da consoante do *onset* da sílaba anterior exerce forte efeito sobre a manutenção de /e/, pois quatro grupos consonantais manifestaram-se significativos: *dorsais*, com favorecimento expressivo para a ausência de alteamento, peso relativo de 0.82; *onset ramificado*, peso relativo de 0.77; *coronais*, 0.668 de peso relativo; seguido das *labiais*, 0.642 com peso relativo. Já o *onset vazio*, com peso relativo de 0.19, não foi significativo para a manutenção.

Tabela 5 – Significância dos fatores relacionados à natureza do *onset* precedente à pretônica analisada no falar em Baião (PA)

Onset anterior	Exemplos	Aplicação /Total de dados	Frequências /Percentuais	Pesos Relativos
Dorsal	[c]elular	54/64	84%	0.825
<i>Onset ramificado</i>	[pr]ecisa,	51/58	88%	0.771
Coronal	favo[r]eceu,	236/303	78%	0.668
Labial	[f]elizes	169/216	78%	0.642
<i>Onset vazio</i>	[e]ducação	122/362	34%	0.197
<b>Total de dados 1.003</b>				

Fonte: Produzido pelos autores.

Pela análise dos dados e obtenção dos resultados expostos na Tabela 5, é mais provável na fala dos baionenses, pronúncias sem elevação de /e/, como em c[e]lular, pr[e]cioso, corr[e]ção e f[e]licidade de contexto fonológico precedente com dorsal, *onset ramificado*, coronal, labial, respectivamente, do que pronúncias com elevação de /e/ como ‘[i]ducação’, no lugar de ‘[e]ducação’, ‘[i]scola’, no lugar de ‘[e]scola’, ‘[i]scada’ no lugar de ‘[e]scada’, ‘[i]quilíbrio’, no lugar de ‘[e]quilíbrio’, em virtude da atuação de *onset*.

Portanto, fica claro que o contexto fonológico precedente, com exceção do *onset vazio*, são os fatores mais motivadores da preservação da vogal pretônica /e/ e os mais significativos para a ausência de alteamento no município estudado. Outros estudos apresentaram tendências semelhantes a estes resultados

O resultado desse grupo contrariou a hipótese em relação ao contexto fonológico que precede a vogal média /e/, pois se acreditava que as consoantes dorsais e coronais favorecessem a aplicação da regra de elevação e não as inibissem, como o atestado nos estudos de Freitas (2001), no qual as palatais favoreceram a variante [i]. Portanto, fica claro que o contexto fonológico precedente, com exceção do *onset vazio*, é o mais motivador da preservação de /e/, por outro lado, o *onset vazio* é o gatilho para a regra de elevação de /e/ a [i] em posição pretônica no município estudado.

Outros estudos que apresentaram tendências semelhantes a estes resultados do contexto precedente são os de Araújo e Rodrigues (2007), para Cametá, cujo estudo apontou o contexto precedente favorecido pela fricativa glotal, peso relativo de 0.93, pelas labiais, 0.79 de peso relativo e pelas alveolares, peso relativo de 0.65.

Tal qual a esses mesmos resultados, Campos (2008) apontou que as labiais e as coronais, com pesos relativos de 0.41, as dorsais com pesos relativos de 0.40, e o *onset ramificado*, com peso

relativo 0.17 apresentaram baixas tendências para a presença de alteamento, o que podemos compreender que eles apresentaram fortes tendências para a ausência de alteamento no falar de Mocajuba. Logo, esse resultado é favorecedor da manutenção da média /e/ também no dialeto baionense.

#### d) A classe gramatical do vocábulo: nome ou verbo

A classe gramatical do vocábulo a que pertence a pretônica em análise manifestou-se significativa para a explicação da ausência de alteamento no português falado no município de Baião (PA). A razão de ser o vocábulo um nome mostrou-se um fator de favorecimento expressivo para a manutenção da vogal média /e/ como em m[e]nina e v[e]rdade, com um percentual de 71% e peso relativo de 0.57.

Tabela 6 – Percentuais e pesos relativos da importância do vocábulo quando este é um nome ou verbo

Vocábulo	Exemplos	Aplicação /Total de dados	Frequências /Percentuais	Pesos Relativos
Nome	r[e]lógio	419/593	71%	0.577
Verbo	cons[i]gui	213/410	48%	0.390

**Total de dados 1.003**

Fonte: Produzido pelos autores.

Há, portanto, maior probabilismo, por outro lado, da elevação da pretônica /e/, diante da classe gramatical do verbo como em cons[i]gui, s[i]gurou' e [i]ntrou, demonstrado pelo baixo percentual de 48% e peso relativo de 0.390, de manutenção de [e], e com percentual de 48% e 0,610 de peso relativo para o alteamento de [e] a [i].

#### e) A sílaba da vogal média /e/ pretônica

A variável sílaba da vogal pretônica /e/, considerada como significativa para explicar a ausência de alteamento /e/, apontou, como se observa na Tabela 7, abaixo, a sílaba pesada formada por CCV e CVC de maior propensão para a manutenção de /e/ como em 'pr[e]sidente', 'd[e]sculpa', 71% das ocorrências com peso relativo de 0.61.

Já a sílaba pesada formada por CVV e CVVC, como em 'qu[e]ria', 'qu[e]stão', respectivamente, embora tenha percentual elevado de 86%, apresentou peso relativo insignificante de 0.35, não favorecendo a ausência de alteamento. Assim como a sílaba leve formada por V, VC, apresentou baixo peso relativo de 0.479, desfavorecendo o fenômeno em estudo no falar baionense.

Tabela 7 – Aplicação e pesos relativos da importância do peso silábico da pretônica /e/ analisada

A sílaba da pretônica analisada	Exemplos	Aplicação /Total de dados	Frequências /Percentuais	Pesos Relativos
Sílaba pesada (CCV, CVC)	[pre]sidente	30/42	71%	0.612
Sílaba leve (V, CV)	[e]ducação	432/763	57%	0.479
Sílaba pesada (CVV, CVVC)	[que]ria	170/198	86%	0.351

**Total de dados 1.003**

Fonte: Produzido pelos autores.

Em estudos sobre a vogal /e/ que consideraram a sílaba da pretônica como categoria de análise, trazemos Campos (2008), que afirmou, para o falar mocajubense, a sílaba pesada VC (vogal + consoante) como favorecedora da manutenção ao apresentar baixo peso relativo de 0.48, para a presença de alteamento de [e] ~ [i]. Semelhante resultado é encontrado no português na cidade de Breves-Pará, nos estudos de Oliveira (2007), o qual constatou as sílabas pesadas como inibidoras do alteamento, ou seja, favorecendo a manutenção de [e]. Portanto, inferimos que essa composição silábica é relevante para a manutenção da variável em estudo.

#### f) A relevância da faixa etária para a ausência de alteamento

Do ponto de vista extralinguístico (social), como observamos na Tabela 8, a faixa etária II, de 26 a 45 anos, com resultado de 69% de percentual e 0.54 de peso relativo, e a III de falantes com mais de 45 anos, percentual de 64% e peso relativo de 0.51, apresentam neutralidade para a variável em análise, sem relevância estatística. Ao contrário da I faixa etária, entre 15 e 25 anos, com percentual de 50% e baixo peso relativo de 0.39, desfavorece a manutenção e colabora para o alteamento das vogais médias pretônicas.

Tabela 8 – Aplicação dos dados, percentuais e pesos relativos da variável independente faixa etária para a manutenção de /e/ em posição pretônica

Faixa etária	Exemplos	Aplicação /Total de dados	Frequências /Percentuais	Pesos Relativos
II – 26 a 45 anos.	m[e]nino	325/472	69%	0.547
III – 46 anos em diante	[e]nergia	187/292	64%	0.515
I – 15 a 25 anos.	m[e]lhor	120/239	50%	0.391
<b>Total de dados 1.003</b>				

Fonte: Produzido pelos autores.

O grupo dos mais jovens, entre 15 e 25 anos, é quem apresenta elevada inclinação de não preservação da vogal média anterior em posição pretônica, dada a insignificância do percentual de 50% e peso relativo de 0.391. Esse resultado talvez se deva ao ciclo de vida desse grupo de pessoas; estão menos presentes nas atividades de trabalho e menos atentos às regras gramaticais e às necessidades e exigências da sociedade, então são mais propensos para a elevação de /e/ para [i].

Os dados apontados acima, Tabela 8, confirmam a hipótese para esse grupo, pois, acreditávamos que a vogal /e/ ocorreria mais na fala dos sujeitos-informantes adultos, devido a esse grupo de falantes estar no mercado de trabalho, e consequentemente, seriam mais adeptos às regras linguísticas mais rígidas ou de variantes de maior prestígio.

Semelhantes tendências a este resultado, temos para o falar de Mocajuba em que Campos (2008), apontou baixo peso relativo de 0.47, ou seja, não significativo para a presença de alteamento. O que podemos inferir que no falar de Mocajuba essa faixa etária foi relevante para a ausência de alteamento. Diferente resultado temos os apontados em Araújo e Rodrigues (2007) para os falantes da segunda faixa etária (26 a 45 anos), peso relativo de 0.45 e os da terceira (46 anos em diante), peso relativo de 0.41, insignificantes para a manutenção de /e/, ou seja, para a ausência de alteamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo sobre a vogal média anterior pretônica /e/, objetivamos investigar as variáveis influenciadoras da regra de manutenção da pretônica /e/, tanto linguísticas como extralinguísticas; da mesma forma colaborar para a caracterização da ocorrência da vogal média anterior em posição pretônica falada por moradores da área urbana do município de Baião, nordeste do Pará.

Os resultados da pesquisa demonstram a manutenção de /e/ em posição pretônica, com valor de significância de 0.630 de peso relativo. Estudos anteriores no Pará apresentaram essa mesma tendência de manutenção da vogal média /e/ em posição pretônica, como o de Nina (1991) no falar belenense, Dias *et al.* (2007) no falar de Breves, Araújo e Rodrigues (2007) no falar cametaense, e Campos (2008) no falar mocajubense.

A partir dos resultados observamos que há uma tendência para a ausência de alteamento quando se profere a vogal pretônica /e/ na qualidade de nasais; quando a vogal tônica é baixa central ou alta; em contexto precedente com *dorsais*, *onset ramificado*, *coronais* e *labiais*; em classe dos nomes; e em sílabas pesadas. Do ponto de vista social, os dados apontam certa neutralidade em relação a segunda faixa etária – 26 a 45 anos – e a terceira faixa etária – 46 anos em diante, no que tange a manutenção de /e/.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marivana; RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá/Ne do Pará: uma abordagem variacionista*. Universidade Federal do Pará, 2007.
- BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, Leda. A neutralização das átonas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, esp., p. 273-283, 2003.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 2015.
- CAMPOS, Benedita Maria do Socorro Pinto. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-Pará*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- CASTILHO, Ataliba de. *A língua falada no ensino do português*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CLEMENTS, George Nickerson. Place of articulation in consonant clusters and its role in phonological patterning. *Journal of Linguistics*, 1991.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.



COSTA, Raquel Maria da Silva. As formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) no português falado em Cametá – estado do Pará, em uma abordagem sociofuncionalista. *Caderno Seminal Digital Especial*, n. 1, v. 1, jan./dez. 2018.

CRUZ, Regina; COSTA, Mara; SILVA, Ana Carolina. Análise qualitativa e acústica das vogais médias pretônicas no português falado na Amazônia paraense. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 2012, Natal. *Resumos*. Natal: ABRALIN, 2012. p. 59-60.

DIAS, Marcelo Pires *et al.* O alteamento das vogais pretônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 1-18, ago. 2007.

FREITAS, Simone Negrão de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Patricia. A sociolinguistic perspective on language variation and change. *Annual Review of Anthropology*, v. 36, 2007.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Traducción José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. *Language in Society*, 1978.

LUCCHESI, Dante. O tempo aparente e as variáveis sociais. *Boletim da ABRALIN*, v. 26, n. especial-II, 2001.

MORAES, Marlúcia. *As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado na zona rural no município de Cametá: uma caracterização acústica*. 2015. (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2015.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.

NINA, Terezinha. *Aspectos da variação fonético-fonológica na Fala de Belém*. 1991. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Unicamp, 1986.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: alteamento /o/ ~ [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense - uma abordagem variacionista*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

SANKOFF, David; LABOV, William. On the development of the North American “R”. *Language*, v. 55, n. 4, 1979.

SANKOFF, David; ROUSSEAU, Sylvie; TAGLIAMONTE, Sali A. *The social life of language: studies in variation and change*. Cambridge University Press, 2005.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.